

Utopia de Um Homem que está Cansado

por Jorge Luis Borges

“Chamou-a utopia, voz grega cujo significado é não há tal lugar.”

Quevedo

Não há dois cerros iguais, mas em qualquer lugar da terra a planície é só uma e a mesma. Eu ia por um caminho da planície. Perguntei-me sem muita curiosidade se estava em Oklahoma ou Texas ou na região que os literatos chamam o pampa. Nem à direita nem à esquerda vi uma cerca. Como outras vezes repeti devagar estas linhas, de Emilio Oribe:

Em meio à pânica* planície interminável. E próximo ao Brasil, que vai crescendo e agrandando-se.

O caminho era desparelho. Começou a cair a chuva. A uns duzentos ou trezentos metros vi a luz de uma casa. Era baixa e retangular e cercada de árvores. Abriu-me a porta um homem tão alto que quase me deu medo. Estava vestido de cinza. Senti que esperava alguém. Não havia fechadura na porta. Entramos em uma peça grande com as paredes de madeira. Pendia do teto uma lâmpada de luz amarelenta. Estranhei a mesa, por alguma razão. Na mesa havia uma clepsidra, a primeira que vi, além de uma gravura em aço. O homem me indicou uma das cadeiras.

Ensaiei diversos idiomas e não nos entendemos. Quando ele falou, o fez em latim. Juntei minhas já remotas memórias de secundarista e preparei-me para o diálogo.

-Pela roupa -disse-me-, vejo que chegas de outro século. A diversidade das línguas favorecia a diversidade dos povos e das guerras; a terra regressou ao latim. Há os que temem que volte a se degenerar em francês, em limosino ou em papiamento, mas o risco não é imediato. Aliás, nem o que foi nem o que será me interessam.

Não disse nada e acrescentou:

-Se não te desagrada ver outro comendo, queres acompanhar-me?

Compreendi que notava minha inquietação e disse que sim.

Atravessamos um corredor com portas laterais, que dava para uma pequena cozinha onde tudo era de metal. Voltamos com a janta em uma bandeja: tigelas com flocos de milho, um cacho de uvas, uma fruta desconhecida cujo sabor me lembrou o do figo, e uma grande jarra de água. Acho que não havia pão. Os traços de meu anfitrião eram agudos e havia algo de singular em seus olhos. Não esquecerei este rosto severo e pálido que não voltarei a ver. Não gesticulava ao falar.

Travava-me a obrigação do latim, mas disse-lhe finalmente::

-Não te assombra minha súbita aparição?

-Não -replicou-me-, tais visitas ocorrem de século em século. Não duram muito; o mais tardar estarás amanhã em tua casa.

A certeza de sua voz me bastou. Julguei prudente apresentar-me:

-Sou Eudoro Acevedo. Nasci em 1897, na cidade de Buenos Aires. Tenho já setenta anos. Sou professor de literatura inglesa e americana e escritor de contos fantásticos.

-Lembro de ter lido sem desagrado -respondeu-me- dois contos fantásticos. As Viagens do Capitão Lemuel Gulliver, que muitos consideram verídicas, e a Suma Teológica. Mas não falemos de fatos. Ninguém mais importa-se com os fatos. São meros pontos de partida para a invenção e o raciocínio. Nas escolas ensinam-nos a dúvida e a arte do esquecimento. Antes de tudo o esquecimento do pessoal e do local. Vivemos no tempo, que é sucessivo, mas tratamos de viver sub specie aeternitatis. Do passado restam-nos alguns nomes, que a linguagem tende a esquecer. Eludimos as precisões inúteis. Não há cronologia nem história. Não há estatísticas, tampouco. Disseste que te chamas Eudoro; eu não posso dizer-te como me chamo, porque me dizem alguém.

-E como se chamava teu pai?

-Não se chamava.

Em uma das paredes vi uma estante. Abri um volume ao acaso; as letras eram claras e indecifráveis e traçadas à mão. Suas linhas angulares me recordaram o alfabeto rúnico, que, no entanto, só se empregou para a escritura epigráfica. Pensei que os homens do porvir não só eram mais altos senão mais destros. Instintivamente olhei os dedos longos e finos do homem.

Este disse-me:

-Agora verás algo que nunca viste.

Estendeu-me com cuidado um exemplar da Utopia de Morus, impresso em Basileia no ano de 1518 e do qual faltavam folhas e gravuras.

Não sem presunção respondi:

-É um livro impresso. Em casa há mais de dois mil, ainda que não tão antigos nem tão preciosos.

Li em voz alta o título.

O outro riu.

-Ninguém pode ler dois mil livros. Nos quatro séculos que vivo não devo ter passado de uma meia dezena. Além disso, não importa ler senão reler. A imprensa, agora abolida, foi um dos piores males do homem, já que tendia a multiplicar vertiginosamente textos desnecessários.

-No meu curioso passado -respondi-, prevalecia a superstição de que entre cada tarde e cada manhã ocorrem fatos que é uma vergonha ignorar. O planeta estava povoado de espectros coletivos, o Canadá, o Brasil, o Congo Suíço e o Mercado Comum. Quase ninguém sabia a história prévia destes entes platônicos, mas sim os mais ínfimos pormenores do último congresso de pedagogos, a iminente ruptura de relações e as mensagens que os presidentes enviavam, elaboradas pelo secretário do secretário com a prudente imprecisão que era própria do gênero.

Tudo isto lia-se para o esquecimento, porque em poucas horas seria apagado por outras trivialidades. De todas as funções, a do político era sem dúvida a mais pública. Um embaixador ou um ministro era um tipo de aleijado que era preciso trasladar em veículos grandes e barulhentos, cercado de ciclistas e granadeiros e aguardado por ansiosos fotógrafos. Parece que lhes cortaram os pés, dizia minha mãe. As imagens e a letra impressa eram mais reais que as coisas. Só o publicado era verdadeiro. Esse est percipi (ser é ser retratado) era o princípio, o meio e o fim de nosso singular conceito de mundo. No passado que me foi incumbido, as pessoas eram ingênuas; acreditavam que uma mercadoria era boa porque assim afirmava e repetia seu próprio fabricante. Também eram freqüentes os roubos, ainda que ninguém ignorasse que a posse de dinheiro não trazia maior felicidade nem maior quietude.

-Dinheiro? -repetiu-. Já não há quem padeça de pobreza, que seria insuportável, nem de riqueza, que seria a forma mais incômoda de vulgaridade. Cada qual exerce um ofício.

-Como os rabinos -disse-lhe.

Pareceu não entender e prosseguiu.

-Tampouco há cidades. A julgar pelas ruínas de Bahía Blanca, que tive a curiosidade de explorar, não perdemos muito. Já que não há posses, não há heranças. Quando o homem amadurece aos cem anos, está pronto para enfrentar a si mesmo e à sua solidão. Já engendrou um filho.

-Um filho? -perguntei.

-Sim. Um só. Não convém fomentar o gênero humano. Há quem pense que é um órgão da divindade para ter consciência do universo, mas ninguém sabe com certeza se há tal divindade. Creio que agora se discutem as vantagens e desvantagens de um suicídio gradual ou simultâneo de todos os homens do mundo. Mas voltemos ao assunto.

Assenti.

-Aos cem anos, o indivíduo pode prescindir do amor e da amizade. Os males e a morte involuntária não o ameaçam. Exerce alguma das artes, a filosofia, a matemática ou joga um xadrez solitário. Quando quer, se mata. Dono o homem de sua vida, também o é de sua morte.

-Trata-se de uma citação? -perguntei-lhe.

-Certamente. Não nos restam mais que citações. A língua é um sistema de citações.

-E a grande aventura de meu tempo, as viagens espaciais? -disse-lhe.

-Há séculos renunciamos a estes traslados, que foram certamente admiráveis. Nunca pudemos evadir-nos do aqui e agora.

Com um sorriso acrescentou:

-Afinal, toda viagem é espacial. Ir de um planeta a outro é como ir à granja em frente. Quando o senhor entrou neste quarto estava executando uma viagem espacial.

-É verdade -repliquei. Também se falava de substâncias químicas e de animais zoológicos. O homem agora me dava as costas e olhava pelas vidraças. Lá fora, a planície estava branca de silenciosa neve e de lua.

Atrevi-me a perguntar:

-Ainda há museus e bibliotecas?

-Não. Queremos esquecer o passado, exceto para a composição de elegias. Não há comemorações nem centenários nem efígies de homens mortos. Cada qual deve produzir por sua conta as ciências e as artes de que necessita.

-Neste caso, cada qual deve ser seu próprio Bernard Shaw, seu próprio Jesus Cristo e seu próprio Arquimedes.

Assentiu sem uma palavra. Inquiri:

-Que aconteceu com os governos?

-Segundo a tradição foram caindo gradualmente em desuso. Convocavam eleições, declaravam guerras, impunham tarifas, confiscavam fortunas, ordenavam prisões e pretendiam impor a censura e ninguém no planeta os acatava. A imprensa deixou de publicar suas colaborações e suas efígies. Os políticos tiveram que buscar trabalhos honestos; alguns foram bons comediantes ou bons curandeiros. A realidade sem dúvida deve ter sido mais complexa que este resumo.

Mudou de tom e disse:

-Construí esta casa, que é igual a todas as outras. Fiz estes móveis e estes utensílios. Trabalhei o campo, que outros cuja cara não vi trabalharão melhor que eu. Posso mostrar-te algumas coisas.

Segui-o a uma peça contígua. Acendeu uma lâmpada, que também pendia do forro. Em um canto vi uma harpa de poucas cordas. Nas paredes havia telas retangulares onde predominavam os tons da cor amarela. Não pareciam proceder de uma mesma mão.

-Esta é minha obra -declarou.

Examinei as telas e me detive diante da menor delas, que figurava ou sugeria um pôr-do-sol e que encerrava algo infinito.

-Se te agradou podes levá-la, como uma lembrança de um amigo futuro -disse com palavra tranquila. Agradei-lhe, mas outras telas me inquietaram. Não direi que estavam em branco, mas sim quase em branco.

-Estão pintadas com cores que teus antigos olhos não podem ver. As delicadas mãos tocaram as cordas da harpa e mal percebi um que outro som. Foi então que se ouviram as batidas.

Uma alta mulher e três ou quatro homens entraram na casa. Diria-se que eram irmãos ou que o tempo os havia igualado. Meu anfitrião falou primeiro com a mulher.

-Sabia que esta noite não faltarias. Viste a Nils?

-De tarde em tarde. Segue sempre entregue à pintura.

-Esperemos que com melhor fortuna que seu pai.

Manuscritos, quadros, móveis, utensílios; não deixamos nada na casa.

A mulher trabalhou a par com os homens. Envergonhei-me de minha fraqueza que quase não permitia-me ajudá-los. Ninguém fechou a porta e saímos, carregados com as coisas. Notei que o teto era de duas águas. Aos quinze minutos de caminhada, dobramos à esquerda. Ao fundo divisei um tipo de torre, coroada por uma cúpula.

-É o crematório -alguém disse-. Dentro está a câmara letal. Dizem que a inventou um filantropo cujo nome, creio, era Adolf Hitler.

O cuidador, cuja estatura não me assombrou, nos abriu o portão.

Meu hóspede sussurrou umas palavras. Antes de entrar no recinto se despediu com um gesto.

-A neve seguirá -anunciou a mulher.

Em minha escrivaninha da rua México guardo a tela que alguém pintará, dentro de milhares de anos, com materiais hoje dispersos pelo planeta.

*Nota do Tradutor: pânico se refere a Pan, divindade grega dos bosques e da vida selvagem. Neste caso, o adjetivo pânico não diz respeito ao pavor, mas à característica rústica e cheia de vida das planícies que ligam o Uruguai ao Rio Grande do Sul, os pampas. O autor das linhas, Emilio Oribe, é um poeta, ensaísta e filósofo uruguaio.